

A Trindade no Apocalipse de São João

Prof. Dr. Pe. Gilvan Leite de Araújo
Profa. Dra. Ir. Maria Freire da Silva, icm

RESUMO

O Apocalipse possui uma forma toda original de apresentar o ser de Deus Uno e Trino. Partindo da tradição semítica, a obra busca manter a tradição dentro de um linguajar intuitivo e original. A tradição do Tetragrama Sagrado é desenvolvida pelo autor, relacionando-o com Jesus Cristo, até o ponto que Pai e Filho se tornam Um. Todo o processo que perpassa a obra é acompanhada pela ação do Espírito Santo que está diante do Trono de Deus e do Cordeiro e junto com o Pai e o Filho formam a Tríade Santa.

Palavras-chave: Deus Uno e Trino, Tetragrama Sagrado, Apocalipse.

ABSTRACT

The Apocalypse, has a whole to present the original be God One in Three. On the basis of Semitic tradition, the work seeking maintains the tradition within a parlance intuitive and original. The tradition of Tetragrama Sacred is developed by the author, relation with Jesus Christ, to the point that Father and Son become one. Throughout the process that permeates the work is accompanied by action of the Holy Spirit which is before the throne of God and Lamb and together with the Father and Son form the Holy Triad.

Key-words: God One in Three, Tetragrama Sacred, Apocalypse.

INTRODUÇÃO

A tradição antigo-testamentária do chamado Nome de Deus ou Teologia do Nome nos remete de imediato para a experiência do Êxodo. Neste, Deus se apresenta, em primeiro lugar, com o nome de “*Eu Sou Aquele que Sou*” e ainda “*Eu Sou*” e, em segundo lugar, como o Deus dos Patriarcas: “*lahweh, o Deus de vossos pais, o Deus de Abraão, de Isaac e de Jacó*” e, ainda, “*Eu Sou lahweh. Apareci a Abraão, a Isaac e a Jacó como El Shaddai; mas meu nome, lahweh, não lhes fiz conhecer*” (Ex 6,3). Apesar de a tradição israelita conservar a impronunciabilidade do Nome de Deus, o livro do Êxodo é claro ao afirmar que “*é assim que invocação de geração em geração*” (Ex 3,15), ou seja, não existe uma proibição formal sobre pronunciar ou não o nome, somente dentro da tradição bíblica com a intenção de salvaguardar a alteridade divina se reservará a pronuncia do nome para pessoas e momentos especiais da vida de Israel. Assim, o Nome Divino é substituído por outro correlativo, como, por exemplo, “*Meu Senhor*” (=Adonai), bem como, a tradição “*Javista*” procura abarcar outras tradições, como por exemplo, a tradição “*Elohista*”: “*Não adorarás outro Elohim. Pois lahweh tem por nome Zeloso: é um Elohim Zeloso*” (Ex 34,14).

A auto-manifestação divina de Deus no livro do Êxodo nos indica uma presença física. Deus vê e escuta o seu povo (cf. Ex 3,7) Deus desce para encontrar-se com ele (cf. Ex 3,8). Além disso, se estabelece um grau de proximidade ou de intimidade “*lahweh... falava com Moisés face a face*” (Ex 33,11), que é uma atitude de amizade. Nota-se que em Ex 24,10-11 nos é dito que “*eles viram o Deus de Israel... Eles contemplaram a Deus e depois comeram e beberam*”. Desta última citação encontraremos um eco justamente em Jo 21,1-13, no qual os apóstolos vêem o Senhor Ressuscitado, vêm ao seu encontro e, em seguida, comem. A proximidade tende a se intensificar quando Deus chama o seu povo a uma aliança e a tornar-se santo como Ele é santo (cf. Lv 11,45).

Toda esta tradição do Nome de Deus presente no Antigo Testamento reaparecerá com toda a sua força e vitalidade na Literatura Joanina.

1. DO TETRAGRAMA SAGRADO AO κύριος

Um trabalho recente e de grande importância para o estudo do Nome de Deus no Novo Testamento foi publicado por dois professores italianos

B.G. Boschi e W. Binni, chamado *Cristologia Primitiva, dalla teofania del Sinài all'lo Sono giovanneo*. Nesta obra, os autores resgatam a tradição do Nome de Deus no AT e aproximam com a tradição do Nome de Deus e de Jesus Cristo no NT. Uma curiosidade é que o termo grego Κύριος (=Senhor), segundo os dois pesquisadores, não deve ser buscado na tradição da LXX como se pensava até o presente. Segundo Boschi e Binni somente no IV e V século é que aparece este termo. A época do NT os pergaminhos apresentavam o nome lahweh através dos caracteres originais hebraico.¹ Portanto, ainda segundo os autores, a origem da profissão de fé “Jesus é o Senhor” não deve ser procurada no ambiente helenístico mas no judaísmo “sabra” (=nascido na terra de Israel) pré-cristão, que aplicava as expressões “marêh” ou “marja”, “'adôn” a YHWH. Desta forma, o título Ku,rioi, aplicado a Jesus, o equipara ao tetragrama sagrado.² Esta constatação se torna claro nas comparando as citações de Jl 3,5, Rm 10,13 e At 2,21:

Jl 3,5: καὶ ἔσται πᾶς ὃς ἂν ἐπικαλέσῃται τὸ ὄνομα κυρίου σωθήσεται

טְהִי־יְהוָה לִּי יְהוָה בְּשֵׁם יְהוָה יִשְׁׁבַע בְּלִי יְהוָה

At 2,21: καὶ ἔσται πᾶς ὃς ἂν ἐπικαλέσῃται τὸ ὄνομα κυρίου σωθήσεται.

Rm 10,3: πᾶς γὰρ ὃς ἂν ἐπικαλέσῃται τὸ ὄνομα κυρίου σωθήσεται.

= e então, todo o que invocar o nome do Senhor será salvo.

Desse ponto de vista, fica claro que é no ambiente palestinese onde se deve buscar a origem do título “Senhor” aplicado a Jesus Cristo, que o relaciona com o tetragrama sagrado lahweh.

2. O NOME DE DEUS NO QUARTO EVANGELHO

O Quarto Evangelho radicaliza este processo de aproximação do Nome de Deus com Jesus Cristo. De fato, neste Evangelho Jesus se auto-proclama diretamente o “Eu Sou” (=lahweh).

¹ W. BINNI, B.G. BOSCHI, *Cristologia Primitiva, dalla teofania del Sinài all'lo Sono giovanneo*, EDB, Bologna 2004, 135.

² W. BINNI, B.G. BOSCHI, *Cristologia Primitiva, dalla teofania del Sinài all'lo Sono giovanneo*, 136.

Inicialmente encontra-se as três negações de João Batista, no qual declara ser ele o “Eu Não Sou”, ou seja, não é ele o messias, mas Jesus que é o “Eu Sou”. De fato, as negações de João Batista está numa ordem decrescente (ἐγὼ οὐκ εἰμι ὁ χριστός/οὐκ εἰμι/οὐ - Jo 1,20-21), em sintonia com a sua afirmação posterior “é necessário que ele cresça e eu diminua” (Jo 3,30).

Habitualmente, no Quarto Evangelho, Jesus relaciona o tetragrama sagrado com um atributo que o qualifica funcionalmente: “Eu Sou” o Bom Pastor, a Luz, a Porta, o Pão da Vida... Somente em Jo 8,58 é que Jesus afirma categoricamente ser ele o “Eu Sou”: “*Em verdade, em verdade, vos digo: antes que Abraão existisse, Eu Sou*”. A absoluta identificação por parte dos apóstolos de Jesus como Deus será no episódio de Tomé (Jo 20,24-28). No episódio, Tomé ao ver Jesus Cristo ressuscitado exclama: “*Meu Senhor e meu Deus!*” (ὁ κύριός μου καὶ ὁ θεός μου) Esta afirmação é muito importante para o nosso estudo, pois nesta, Tomé aproxima as tradições do AT que chamavam a Deus de lahweh, com a pontuação de Adonai (=Senhor), com a tradição de Deus, Elohim (=Deus). Assim, a exclamação que expressar: “*meu Adonai e meu Elohim*”. Esta é a mais importante ato de fé, reconhecendo a Jesus como Deus no NT.

Portanto, o primeiro passo foi de aproximar o Nome de Deus com o de Jesus Cristo, demonstrando o vínculo estilístico que os autores sagrados do NT procuraram estabelecer com as tradições. O passo seguinte será usar o mesmo processo. Contudo, será feita uma abordagem do Nome de Deus relacionado com o tema sobre a Trindade no Apocalipse de São João.

3. O NOME DE DEUS NO APOCALIPSE

O vocabulário usado pelo autor do Apocalipse de São João para descrever sobre Deus, Jesus Cristo e o Espírito Santo é muito rico, variado e altamente simbólico. Como é de se esperar para esta obra. A principal particularidade sobre o nome de Deus Pai no Apocalipse é o resgate do nome lahweh na sua forma ampla, não abreviada como é vista em João (=Eu Sou).

A saudação inicial do Apocalipse (Ap 1,4) é claramente trinitária: “*a vós graça e paz da parte d’Aquele-que-é, Aquele-que-era e Aquele-que-vem, da parte dos sete Espíritos que estão diante do seu trono e da parte de Jesus Cristo, a Testemunha fiel, o Primogênito dos mortos, o Príncipe dos reis da*

terra". Nesta saudação trinitária, Deus aparece nominado como "Aquele-que-é, Aquele-que-era e Aquele-que-vem", Jesus Cristo, pelo próprio nome e o Espírito Santo como os "Sete Espíritos".

Aquele-que-é, Aquele-que-era e Aquele-que-vem

A expressão "Aquele-que-é, Aquele-que-era e Aquele-que-vem" resgata na sua totalidade o tetragrama sagrado lahweh, ou seja, é a forma plena da compreensão deste. O que surpreende é a estrutura gramatical da expressão no grego: "ἀπὸ ὃ ὦν καὶ ὃ ἦν καὶ ὃ ἐρχόμενος" pois o autor usou intencionalmente a preposição ἀπό, que rege o caso genitivo, com ὃ, que está no nominativo. Além do mais, o verbo εἰμί, na primeira parte, ὦν (=verbo particípio ativo, nominativo, masculino, singular), enquanto que o segundo verbo ἦν (verbo εἰμί imperfeito, terceira pessoa do singular) está no imperfeito e substantivado, que é uma anomalia intencional, e para nossa surpresa, o terceiro verbo é o verbo ἐρχόμενος (=particípio presente médio, nominativo, masculino, singular de ἔρχομαι), pois espera-se o mesmo verbo εἰμί. O uso de ἔρχομαι no particípio presente quer expressar a expectativa escatológica do já e do ainda não, ou seja, o movimento contínuo da ação de Deus, que entra em relação com os verbos anteriores. O "vir" de Deus é uma ação continuada que perpassa a história. A singularidade da construção frasal é surpreendente. Poder-se-á traduzir-la do seguinte modo: "o sendo, o [que] era e o vindo". A função da expressão é provocar o leitor. Além disso, a expressão evoca, como foi dito acima, o tetragrama sagrado de Ex 3,14: (אֶהְיֶה אֲשֶׁר אֶהְיֶה / ἐγὼ εἰμι ὃ ὦν = "Eu Sou o Sendo" ou "Eu Sou Aquele que Sou")

A expressão manifesta o ser eterno de Deus (εἰμί) que age em todos os tempos e lugares (ἔρχομαι). Deus que "foi, é e será" está sempre presente e ativo na história da humanidade. Deus, que "sendo", é aquele que "vem" fazer parte da história. Além do mais, a construção "Aquele-que-é, Aquele-que-era e Aquele-que-vem" implica numa constância sempre crescente, que tem o seu início e deve chegar ao seu fim. Como tudo tem a sua origem em Deus, também Nele terá o seu fim.

Em Deus, a história da humanidade ganha um colorido e uma vitalidade todo especial. A história da humanidade se lança em direção ao futuro, bom e promissor.

Os Sete Espíritos

No Apocalipse de São João o Espírito Santo é apresentado como “Sete Espírito”, que é uma forma simbólica e, também, original e difere da tradicional hierarquia trinitária que segue em primeiro lugar, o Pai, em segundo lugar, o Filho e, em terceiro lugar, o Espírito Santo. Na saudação trinitária de Ap 1,4 a terceira pessoa da Trindade, ou seja, o Espírito Santo é apresentado logo após o Pai e em direta relação com ele: “*estão diante do trono*”. Tal formulação trinitária encontrar-se-á na saudação trinitária da Primeira Carta de São Pedro (cf. 1Pd 1,2). Em ambos os casos, as Pessoas da Trindade são apresentadas em relação com a sua missão ou atributos.

A expressão “Os Sete Espíritos” quer indicar a plenitude e a perfeição do Espírito Santo. Nisto, o autor quer indicar o mistério insondável da sua força e da sua identidade.³ Além do mais, colocado entre o Pai e o Filho, o Espírito é revelado no mesmo nível de transcendência divina e, juntos (Pai, Filho e Espírito Santo), são dispensadores da graça e da paz.

Jesus Cristo em Ap 3,1 e 5,6 aparece como ‘detentor’ dos Sete Espíritos. De modo análogo, em Ap 4,5, os Sete Espíritos aparece(m) diante do Trono de Deus. Tais referências explicitam a inter-relação das Pessoas Trinitárias, tendo em vista que o Espírito Santo na sua missão de procedência do Pai e do Filho. O “estar diante” do trono indica a missão e posição do Espírito Santo na Trindade. Pois, no Apocalipse de São João o trono é lugar do Pai e do Filho (cf. Ap 22,1.3). Assim, o Espírito Santo está diante e em direta relação com ambos.

O número sete quer indicar a plenitude da ação do Espírito e a sua direta relação com a Igreja (sete igrejas = totalidade da Igreja). O Espírito Santo age na sua totalidade e plenifica a Igreja.

4. JESUS CRISTO

A pessoa de Jesus Cristo recebe uma grande variedade de atributos e significações, que o colocam como o coração de todo o Apocalipse de São João. A grande diversidade de títulos a Ele aplicados manifesta esta centralidade. Dentre os principais títulos aplicados a Jesus destacamos os

³ MAZZEO, M., *Il Volto Trinitario di Dio nel libro Dell'Apocalisse*, Paoline, Milano 1999, 27.

dois principais, por ordem de recorrência: Cordeiro (avri, on = 29x) e Senhor (Ku, rioj = 23x). Outros títulos e atributos aparecem freqüentemente, como Jesus (14x) e Todo-Poderoso (9x). Porém, surpreendentemente diversos títulos aplicados a Jesus no NT não gozam de muita importância no Apocalipse de São João, como o de Filho do Homem (2x) ou Filho de Deus (1x).⁴ Tudo isto é compreensível, considerando que o Apocalipse de São João não evidencia a pessoa de Jesus Cristo, mas a sua missão/função na obra da redenção e a sua importância na vida da Igreja.⁵ Tendo presente estas idéias fundamentais, torna-se claro a importância dos títulos aplicados a Jesus Cristo. Em seguida, falar-se-á do principal atributo aplicado a Jesus Cristo, ou seja, o de Cordeiro.

Cordeiro

A denominação “Cordeiro” é o principal título aplicado a Jesus Cristo no Apocalipse. Nota-se que o Cordeiro aparece na obra “no trono” (cf. 5,6; 7,17; 22,1.3). Sua obra redentora está diretamente ligada “Àquele que está sentado no Trono” e dele, parte e recebe a sua potência.

Além do trono o Cordeiro aparece abrindo os selos do livro (cf. 5-6) sobre o Monte Sião (cf. 14,1), combatendo (cf. 17,14), casando-se (cf. 19,7ss), como Templo (cf. 21,22). Cordeiro, no Apocalipse, não é o nome de Jesus Cristo. A expressão possui uma valência apocalíptica, própria deste tipo de literatura. Assim, a expressão Cordeiro surge como imagem de um universo de significados que a ele se aliam, qualificando-o e dinamizando-o.

O Cordeiro aparece “*de pé, como que imolado*” (5,6). A imagem identifica o Cordeiro com Jesus Cristo Ressuscitado. Desse modo, o autor quer expressar a realidade pascal que surge com o evento da Paixão-Morte-Ressurreição de Jesus Cristo. Além disso, a Igreja, que viveu o evento histórico continua no decorrer dos tempos como uma realidade pascal, centrada em Cristo Eucarístico, o Cordeiro Pascal.

Com a imagem do Cordeiro de pé e imolado, o autor do Apocalipse quer fazer o leitor compreender que o Ressuscitado é o Crucificado, es-

⁴ Cf. MAZZEO, M., *Il Volto Trinitario di Dio nel libro Dell'Apocalisse*, 39-40.

⁵ Cf. MAZZEO, M., *Il Volto Trinitario di Dio nel libro Dell'Apocalisse*, 40.

tabelecendo um perfeito vínculo entre paixão-ressurreição, que atravessa a história salvando. Tal realidade se manifesta em toda a sua visibilidade na Eucaristia. Tal característica fica evidente quando o vidente recebe tais visões “no dia do Senhor”, (Ap 1, 10) ou seja, o dia da ressurreição e dia, por excelência, da reunião da comunidade para a partilha do pão e escuta da Palavra.

Por outro lado, os traços dramáticos do Cordeiro Imolado e sua ação manifestam a sua potência que age eficazmente como guerreiro. A primeira imagem de Cordeiro como guerreiro evoca a tradição do Antigo Testamento do Dia de Iahweh, principalmente segundo a concepção de Amós e de Zacarias. O evento da cruz, no qual Jesus Cristo se torna o Cordeiro Imolado, estabelece a guerra santa e a vitória de Deus.

Além disso, a expressão grega “ἀρνίον” significa, em origem, o “cordeirinho”. Parece paradoxal que um guerreiro valente que é vencedor seja um simples e frágil “cordeirinho”. Contudo, o estar de pé (5,6) e posteriormente sobre o Monte Sião (14,1) é justamente a imagem do Guerreiro Escatológico (cf. Zc 14,3ss).

A imagem do Cordeiro aplicado a Jesus manifesta, assim, um caleidoscópio de significados ricos e intensos, que expressam toda a vitalidade do evento Pascal de Nosso Senhor Jesus Cristo.

O cordeiro aparece 29 vezes no Apocalipse e como expressão singular, em nenhuma outra parte do NT, sempre aplicado a pessoa do Cristo. O Cordeiro é a figura central da cristologia do Apocalipse; é um título litúrgico e soteriológico. Com este símbolo designa a totalidade da pessoa e a abundância da obra salvífica de Cristo. O cordeiro indica a dialética da cruz e ressurreição (Ap 5, 7-8.12-13) relacionado com as funções divinas próprias atribuídas a Yahweh pelo AT⁶. Os sete olhos do cordeiro (Ap 5,6) revelam a plenitude do Espírito, os sete espíritos pertencem tanto ao Pai (4, 5) como a Cristo (5,6). Graças aos feitos salvíficos da morte e ressurreição Cristo possui totalmente a abundância do Espírito. Cristo tem o Espírito, é pleno do Espírito que está representado organicamente nos sete olhos visíveis do Cordeiro⁷.

⁶ MOLINA, F.C. El Espíritu em El libro del apocalipsis, Koinonia, Secretariado trinitario, Salamanca 1987. p. 43.

⁷ Idem., p. 55.

No Apocalipse de São João a Trindade é descrita a partir da sua ação na história da humanidade (palavra e ação) e sua estreita relação com a Igreja. Na sua auto-revelação trinitária, no Apocalipse, Deus mantém o mistério que o envolve e que se faz perceptível ao longo da história da humanidade através da sua palavra e da sua ação. Este mistério tornar-se perceptível através da ação divina que se revela (Ap 1,1) e toca o âmagô do/a homem/mulher e da humanidade e termina na mais afetuosa sensibilidade de amor: “*Ele enxugará toda lágrima dos seus olhos*” (Ap 21,4), o pai que afaga e consola o filho em seu regaço.

Indubitavelmente, considerando que no Apocalipse de João, a compreensão da Trindade é descrita do ponto de vista da história da humanidade inter-relacionada com a Igreja, torna-se possível compreender teologicamente o axioma da Trindade imanente e Trindade econômica já desenvolvido pelos padres da Igreja. Por Trindade Imanente entende-se a misteriosa inter-relação trinitária *ad intra*, ou seja, Deus em seu mistério de Pai, Filho e Espírito Santo. Por Trindade econômica entende-se Deus em sua autocomunicação na história da economia da salvação. K. Rahner afirmou que “na Trindade da história da salvação e revelação já fizemos a experiência da Trindade Imanente como ela é em si mesma”⁸. Destarte, a revelação trinitária no Apocalipse de João permite ao leitor a vislumbrar a partir de toda a simbologia a revelação de um Deus relacional em si mesmo e que se revela numa grande koinonia. A proposta é enfatizar a soberania de Deus sobre toda a história (cf v. 8) Essa onipotência divina é também a base para a similar a confiante afirmação sobre a realização da glória de Deus em (v. 6b) *o alfa e o ômega*⁹.

Ao falar à Igreja de Filadélfia (Ap 3, 9) o é atribuído ao Cristo a expressão “eu te amo” o que equivale a expressão de amor de Deus a seu povo (Is 43, 4.9)¹⁰. O Cordeiro envia o Espírito, que procede do Pai e está frente ao Pai (Ap 1, 4; 4, 5), e que pertence igualmente ao Cristo (Ap 3,1; 5,6), como a suprema unidade entre o Pai e o Filho com estes sete olhos que manifestam a imagem resplendorosa de seu amor que a teologia atribui

⁸ RAHNER, K., *Curso fundamental da fé*, Paulinas, São Paulo 1989. p. 169.

⁹ MARSHALL, H. & HAGNER, A. D. (editors) *The Book revelation*, Beale, EERDMANS, p.199.

¹⁰ MOLINA, F.C. *El Espíritu em El libro del apocalipsis*, Koinonia, Secretariado trinitario, Salamanca 1987. p. 43.

ao Espírito Santo¹¹. A presença da pessoa do Espírito no Apocalipse aparece como dinamismo e garantia da experiência profética:

- a) entre a força do Espírito e o dia do Senhor (1, 10)
- b) entre a força do Espírito e alguém sentado no trono (4, 2)
- c) força do Espírito e o deserto (17, 3)

monte grande elevado na força do Espírito e o vislumbre da Nova Jerusalém (21, 10)¹².

O Apocalipse apresenta o mais belo teatro da história divina e humana. É encontro do céu e da terra. É a festa escatológica da Trindade. Cristo como maestro principal da orquestra sinfônica da Comunidade dos cristãos fala às Igrejas: Éfeso, Esmirna, Pérgamo, Tiatira, Sardes, Filadélfia e Laodicéia articulando sua ação à pessoa do Espírito. Cristo fala diretamente a sua Igreja, mas, quem ilumina os cristãos para a compreensão da Palavra é o Espírito. Ele é o intérprete e a palavra se difunde na Igreja através da ação do Espírito. O Espírito universaliza a mensagem de Cristo¹³. O Apocalipse também mostra uma belíssima inter-relação entre o Espírito e a esposa do cordeiro. O tema escatológico de esposa-cidade, como lugar idealizado já presente nos profetas (Is 54,60; Ez 40; 48) e também na literatura apocalíptica (Esdras 9,26-10,59). A esposa participa da glória da cidade celeste, o que a destina para uma consagração definitiva e interior a Deus (21,8; 15) donde Deus será Pai para cada um (21,7) e onde a dor já não existirá (21.4)¹⁴ .

Ora, é à luz do Espírito que a esposa-comunidade viva se apresenta, plena da graça e diz: Vem! (v. 17). Aqui não se trata de uma vaga personificação que invade o interior da Igreja nem tampouco confundir o Espírito com a esposa. O Espírito é o Espírito de profecia que inspira os profetas, cria disposições para que a Igreja possa invocar a Cristo como esposa a seu Senhor¹⁵. Carlos Mesters e Francisco Orofino afirmam que a ação do Espírito no avivar a presença do Ressuscitado está sempre ligada a memória da comunidade, No dia do Senhor João é movido pelo Espírito Santo tem

¹¹ Idem, p. 56.

¹² Idem, p. 57.

¹³ Idem, p. 77.

¹⁴ Idem, p. 166.

¹⁵ Idem, pp. 167-168.

uma visão arquitetônica da nova criação de Deus (Ap 1,10), o que significa o dia da celebração da comunidade¹⁶.

CONCLUSÃO

Sem dúvida, falar ou afirmar sobre a Trindade no Apocalipse de São João é mister considerar a evolução da linguagem durante a experiência da ressurreição na Comunidade Primitiva. Requer precisar que o termo Trindade é um conceito teológico de Deus que quer expressar os nomes Pai Filho e Espírito Santo .

No Novo Testamento verificamos a presença da fé trinitária na doxologia, na catequese, particularmente batismal. E mais tarde nas orações dos Mártires. Ex. S. Policarpo.

a) *Mt. 28,19* “Ide, pois fazer discípulos meus todos os povos, batizando-os em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo.”

(E a didaqué 7,1 e 9,5)

A fórmula batismal é explicitamente trinitária e é própria do evangelista Mateus. Pelos anos 85 já se constatava uma formulação nitidamente ternária da fé na Igreja materna.

Esta fórmula ternária hoje usada na liturgia tem seu ambiente primeiro na Igreja antiga.

b) *2Cor 13,13* “ A graça do Senhor Jesus Cristo e o amor de Deus e a comunhão do Espírito Santo estejam com todos vós”.

A linguagem litúrgica cristã é imensamente rica em fórmulas trinitárias sobre a divina salvação, vinda pelo Pai, pelo Filho e no Espírito em anáforas doxológicas, símbolos de fé, que testemunham a orientação trinitária da catequese e da liturgia na Igreja Antiga.

1Cor. 14,5. Esta fórmula aponta para a doutrina trinitária – o uso freqüente que a liturgia fez dela alterou a formulação de uma doutrina trinitária.

¹⁶ MESTERS, C. OROFINO, F., Apocalipse de São João: a teimosia da fé dos pequenos, Vozes ,Petrópolis 2003. PP. 111-112.

2Ts 2,13 – 14 – “ Nós porém, devemos dar incessantes graças a Deus por vós, irmãos amados de Senhor, a quem desde o principio Deus escolheu para salvar pela santificação do Espírito... para alcançardes a glória de nosso Senhor Jesus Cristo”.

Esta frase nos mostra que em Paulo, tudo se estrutura e se movimenta ao redor destas três fontes de graças e salvação: o Pai, o Filho e o Espírito Santo. Não dá para afirmar a partir desta frase uma formação claramente trinitária, mas que há um pensamento que se organiza trinitariamente. Se não existisse semelhante pensamento seria impossível o surgimento das expressões trinitárias, principalmente nas celebrações (doxologia) posteriormente nas reflexões teológicas

1Cor 12,4-6 - Aqui Paulo fala da diversidade de carismas...

O contexto é Eclesial. Paulo percebe a profusão de serviços e ministérios surgindo na comunidade por força da adesão a Cristo, Filho de Deus e no entusiasmo do Espírito. Não é possível falar da vida em comunidade sem envolver os três princípios vivos e estruturantes de toda a novidade cristã, o Pai, o Filho e o Espírito. Da mesma forma não é possível falar da manifestação do Espírito sem uma referencia a Cristo, de que é Espírito, e ao Pai que tudo engloba. Se não temos aqui uma manifestação da doutrina trinitária, há sim elementos para uma futura doutrina.

A Fé trinitária exprime-se em simples profissão de fé, nas ações cultuais, nas exposições teóricas: a mais antiga profissão de fé, além da fórmula do batismo, é o *Símbolo dos Apóstolos* (DZ 1-14).

a) No Símbolo dos apóstolos, a Trindade aparece mais relacionada com o fato da salvação do que numa expressão formal trinitária, não havendo sobre as relações recíprocas das Três Pessoas, nenhuma determinação especial. Também as várias regras de fé (*regula fidei*), contêm o dogma trinitário, mas limitam-se a anunciá-lo. Assim a regra de S. Irineu (Adv. h. 1, 10,1), a de Tertuliano (De praescr. 13), a de Orígenes (De princ. 1, praef.). Veja-se a regra de fé de S. Irineu:

A Igreja embora tenha aparecido em todo o universo, desde os confins da terra, recebeu dos apóstolos e dos seus discípulos, a fé em um só Deus, Pai onipotente, que fez o céu e a terra e os mares e tudo o que neles se encontra; e em um só Jesus Cristo, Filho de Deus, que se encarnou pela nossa salvação; e

em um só Espírito Santo, que por meio dos profetas anunciou as economias divinas e os acontecimentos e o nascimento virginal e a paixão e a ressurreição dos mortos e a ascensão corporal ao céu do dileto Jesus Cristo, nosso Senhor, e a sua parusia, quando dos céus Ele comparecerá à direita do Pai, para restaurar todas as coisas e ressuscitar a carne de toda humanidade... (Ad. h. 1, 10,1).

Com relação à fórmula batismal, a mais antiga se encontra na didaquê, 7, e depois em S. Justino (Apol. 1,61) . Em Tertuliano (De Bap 13) , em S. Cipriano (Ep 73,5). Não menos significativa é a tríplice imersão ou tríplice infusão recordada pela didaquê e considerada como símbolo da Trindade (cf. o tratado do Batismo 168)¹⁷.

A Tríplice imersão – “Eis que nós temos um só Deus, um só Cristo, um só Espírito Santo que foi derramado sobre nós”¹⁸. No capítulo 58 se ler: “Por isto que vive Deus, vive o Senhor Jesus Cristo e o Espírito Santo”¹⁹. Considerar-se-á a situação da confissão no NT nos seguintes modelos.

A tradição teológica apresenta *dois modelos cristológicos*, um modelo binário que comporta a menção do Pai e do Filho (ou do Cristo) e um modelo ternário que enumera o Pai e o Filho e o Espírito Santo.

a) *Primeiro modelo cristológico* – enunciação do Nome de Jesus e adjunto um título que exprime a sua identidade segundo a revelação. O fiel professa a relação entre a pessoa concreta de Jesus e uma afirmação de fé: *Jesus é o Senhor* (Rm, 10,9; Filip. 2,11; 1Cor 12,3).

Jesus é o Cristo (At 18,5. 28; 1Jo 2,22).

Jesus é o Filho de Deus (At 8,36-38 no texto Ocidental)²⁰.

¹⁷ B. BARTMANN., *Teologia Dogmática*, vol. I, Paulinas, São Paulo 1962. Pp. 284-285.

¹⁸ J. N. D. KELLY., *Primitivos credos cristianos*, Salamanca, Secretariado Trinitário - 1972. P. 88.

¹⁹ Idem, 89.

²⁰ B. SESBOÛÉ., (org.) *Storia dei Dogmi: Il Dio della salvezza*, vol. I, I-VIII Secolo, Piemme 1996.

b) Segundo modelo cristológico – o Kerygma

Este é constituído de uma fórmula narrativa mais desenvolvida. Narra o evento Cristo insistindo no seu mistério de morte-ressurreição. Esta narração se compõe de vários pronunciados – (At 2,14-39; 3,12-26; etc.).

c) O modelo ternário: Pai, Filho e Espírito Santo.

Trata-se de formulas enumerativas mediante os três nomes divinos. Convém chamá-las ternárias e não trinitárias, pois o termo Trindade não se encontra no NT. O Kerygma colocava isso em correspondência com o modelo binário, e, em concreta relação os nomes do Pai e do Filho e do Espírito Santo com suas respectivas atividades na única história da salvação (1Cor 12,4-6; Ef 4,4-6; 2Cor 13,13).

O primeiro modelo cristológico é mais freqüentemente atestado na forma de uma titulação mais ou menos desenvolvida entorno do nome de Jesus. Um célebre exemplo é fornecido do nome acróstico: “ICHTHYS” (peixe em grego), que é formado das iniciais da fórmula “ Jesus, Cristo, Filho de Deus, Salvador”. O termo e a imagem do peixe se tornam sinais de reconhecimento entre cristãos, é uma das primeiras iconografia do cristianismo. Encontra-se igualmente em Policarpo na fórmula: *Quem não confessar que Jesus Cristo veio na carne é um anti-cristo.*

O segundo modelo kerygmático é claramente atestado nas cartas de Inácio de Antioquia: “Sejais surdo se alguém vos fala sem Jesus Cristo, da estirpe de Davi, filho de Maria, que realmente comeu e bebeu...”. Este texto reproduz evidentemente a seqüência kerygmática herdada da tradição neo-testamentária. Em Inácio de Antioquia, o segundo artigo dos futuros símbolos é já predisposto²¹.

Os modelos binário e ternário se fazem presentes em Inácio de Antioquia e em Policarpo de Esmirna. Também no fim do II século, em Irineu e ao início do III século em Tertuliano. O modelo ternário vem desenvolvido melhor com Clemente Romano: *nós temos um só Deus, um só Cristo, um só Espírito.*

²¹ Idem, 76-77.

- *A união das fórmulas cristológicas e trinitárias.*

O acontecimento decisivo na gênese dos símbolos de fé é inconteste a união dos dois modelos cristológicos e trinitário. Tal união pode ser realizada depois de diversos testamentos em Justino e, em Irineu, no curso da segunda metade do II século. O Pai é confessado como o Criador, o soberano do universo (*Pantocrator*)²².

A Igreja nascente não só vive uma intensa experiência trinitária e orienta sua oração a Trindade, como também, anuncia e professa a sua fé na Trindade²³.

Um dos elementos importantes que revelam a experiência trinitária da comunidade dos primeiros séculos é a *martyria* o martírio. No entanto, é no IV século que a comunidade provocada pelo surgimento das heresias e da própria expansão do cristianismo, diante de todo um contexto histórico sócio-econômico-político e religioso vai elaborar uma doutrina da Trindade. A catequese batismal lugar eclesial privilegiado da união entre o ensinamento da fé, contexto original das fórmulas cristológicas e a liturgia denominado contexto original das fórmulas trinitárias²⁴.

O livro do Apocalipse mostra a existência de conflitos entre a comunidade crista e doutrina de Jezabel (Ap 2,20) a qual segundo a compreensão da comunidade queria conhecer "as profundezas de satanás" (Ap2, 24), enquanto que os cristãos buscavam conhecer o mistério do Deus através do Espírito (1Cor 2, 10).

O Apocalipse de João mostra de forma exuberante a vitória de Deus sobre a besta, sobre o dragão numa grande liturgia realizada em perspectiva matrimonial (Ap 19, 1-10). A festa acontece contemplando a imagem do Trono onde o ápice é a aclamação de Deus e a revelação de seu Nome: *Era-É-Vem* (Ap 4,8). A revelação do Nome provoca um grande louvor no céu²⁵. Na grande festa o Cordeiro ocupa o centro da visão onde recebe o poder, e, onde o processo escatológico adquire resignificação para a eschaton final. É a dança cósmica do céu e da terra em torno do Trono e do Cordeiro

²² Idem, 78-79.

²³ B. MONDIN., *La Trinità: mistero d'amore*, ESD, Bologna p. 95.

²⁴ SESBOÛÉ, B (org.) *História dos dogmas ,O Deus da Salvação*, (século I – VIII) vol. 1, , Loyola, São Paulo 2002. p. 84.

²⁵ MESTERS, C. & OROFINO, F. O pcit, p. 174.

sob a assistência do Espírito Santo. O dinamismo litúrgico do Apocalipse de João é compreendido na teologia trinitária como o grande banquete do reino da Trindade.

*Prof. Dr. Pe. Gilvan Leite de Araújo
e Profa. Dra. Ir. Maria Freire da Silva são professores
da Pontifícia Faculdade de Teologia N. Senhora Da Assunção/
São Paulo.*

BIBLIOGRAFIA

- BARTMANN, B. Teologia Dogmática, Vol. I, Paulinas, São Paulo 1962. Pp. 284-285.
- BINNI, W.; BOSCHI, B. G. Cristologia Primitiva, dalla teofania del Sinài all'lo Sono giovanneo, EDB, Bologna, 2004.
- KELLY, J. N. D. Primitivos credos cristianos. Salamanca, Secretariado Trinitario, 1972.
- MONDIN, B. La Trinità: mistero d'amore, ESD, Bologna p. 95.
- MAZZEO, M., Il Volto Trinitario di Dio nel libro Dell'Apocalisse, Paoline, Milano 1999.
- MOLINA, F. C. El Espiritu em El libro del apocalipsis, Koinonia, Secretariado trinitario, Salamanca 1987.
- MARSHALL, H. & HAGNER. A. D. (Editors). The Book revelation, Beale, EERDMANS.
- MESTERS, C.; OROFINO, F. Apocalipse de São João: a teimosia da fé dos pequenos, Vozes, Petrópolis 2003.
- RAHNER, K. Curso fundamental da fé. São Paulo: Paulinas, 1989.
- SESBOÜÉ, B. (Org.). Storia dei Dogmi: Il Dio della salvezza, Vol. I, I-VIII Secolo, Piemme 1996.
- _____. História dos dogmas, O Deus da Salvação, (século I – VIII) Vol. I. São Paulo: Loyola, 2002.